



**HAL**  
open science

**O Bispo de Beja e afins,**  
Fernando Curopos

► **To cite this version:**

Fernando Curopos. O Bispo de Beja e afins,. O Bispo de Beja e Afins, INDEX, pp.7-35, 2021, 979-8528272450. hal-03281112

**HAL Id: hal-03281112**

**<https://hal.science/hal-03281112v1>**

Submitted on 7 Jul 2021

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

## *O Bispo de Beja e afins*

Fernando Curopos<sup>1</sup>

Os historiadores estabelecem como ponto de partida de uma maior difusão e mediatização das questões relativas à homossexualidade no mundo ocidental o julgamento de Oscar Wilde, ao ponto de alguns deles considerarem que “toda a história gay moderna começa doravante em 1895<sup>2</sup>”. Contudo, pensar o caso português a partir do escândalo Wilde, editado pela primeira vez em Portugal no ano da publicação de *O Bispo de Beja* (1910)<sup>3</sup>, seria continuar a acreditar que Lisboa era como Eça de Queirós a retratou: “No vício é tímida: copia desjeitosamente as Babilónias distantes, aproveita o fogo de Sodoma para aquecer os pés”.<sup>4</sup> Com efeito, como temos vindo a confirmar, não eram só os pés que os homossexuais lisboetas aqueciam; a subcultura *queer* masculina era muito mais intensa e o discurso social sobre as relações sexuais entre homens era uma realidade. Aliás, se atentarmos às palavras de Raul Brandão, “Lisboa foi sempre, como Nápoles, uma cidade de pederastas”,<sup>5</sup> facto atestado por toda uma literatura marginal e marginalizada, que circulava no Portugal da época<sup>6</sup>, e por toda uma série de escândalos, esses altamente mediatizados.

Na realidade, no que diz respeito à periférica “ocidental praia Lusitana”, mais do que “o pederasta inglês, o genial Oscar Wilde”, nas palavras de Homem-Pessoa, é um homem

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos Lusófonos (Sorbonne Université, 2005), é Professor Associado da Sorbonne Université e pesquisador do Centre de Recherches Interdisciplinaires sur les Mondes Ibériques Contemporains – CRIMIC.

<sup>2</sup> Murat, Laure, *La loi du genre*, Paris, Fayard, 2006, 252. Tradução nossa. Ver também Sinfield, Alan, *The Wilde Century: Effeminacy, Oscar Wilde and the Queer Movement*, New York, Columbia University Press, 1994, p. 11-12, em que o autor sugere que as questões levantadas aquando do julgamento sedimentarem os estereótipos ligados à “inversão sexual”. Para a importância do caso Oscar Wilde na cultura gay, ver Éribon, Didier, *Réflexions sur la question gay*, Paris, Fayard, 1999, p. 205-343.

<sup>3</sup> Wilde, Oscar, *Salomé* (Trad. Alexandre Souto), Porto, Off. do “Comércio” do Porto, 1910. A peça já tinha sido traduzida no Brasil pelo escritor *queer* João do Rio, em 1908. A cronologia das traduções e das edições das obras de Wilde dá uma ideia do enorme atraso da sua receção em Portugal em relação ao resto da Europa e, por conseguinte, de tudo o que tenha a ver com a sua vida e identidade sexual. Ver Barbaby, Paul, “Timeline of the reception of Oscar Wilde”, in Evangelista, Stefano (ed.), *The Reception of Oscar Wilde in Europe*, London/New-York, Bloomsbury, 2010, p. xxi-lxxii.

<sup>4</sup> Queirós, Eça de, *Prosas Bárbaras* (1903), Mem Martins, Edições Europa-América, 1988, p. 116.

<sup>5</sup> Brandão, Raúl, *Memórias – Tomo II* (1919), Lisboa, Relógio d’Água, 1999, p. 186.

<sup>6</sup> Cf. Curopos, Fernando, *Versos Fanchonos, Prosa Fressureira*, INDEX ebooks, Lisboa, 2019. O livro cobre o período em apreço, 1860-1910.

político, D. José de Menezes e Távora Rappach da Silveira e Castro, Marquês de Valada (1826-1895), que virá dar corpo e cara à figura do homossexual recém-inventada pela medicina psiquiátrica. Na noite de 2 de agosto de 1881, o marquês foi “surpreendido pela polícia na Travessa da Espera, n° 63, 1°, em repreensíveis libidinosidades com um soldado”;<sup>7</sup> “a autoridade soltou o conhecido político, mas prendeu o militar envolvido e a dona da casa, onde tudo se teria passado.”<sup>8</sup> O marquês era, na altura, “governador civil substituto de Lisboa, uma das vozes mais conservadoras do Partido Regenerador na câmara alta e amigo pessoal do rei”.<sup>9</sup> As suas “extravagâncias” pelas “ruas de trás” darão azo, no Portugal finissecular, ao surgimento da homofobia e acabarão por sedimentá-la. Logo, as palavras de Didier Éribon a respeito de Wilde podem aplicar-se na perfeição à mediatização do *outing* do Marquês de Valada pela imprensa coeva e à sua condenação pela “sátira – essa bela forma de castigo da justiça, pelo verbo”, no dizer de Homem-Pessoa: “A injúria é coletiva. As invetivas e as caricaturas, as brejeirices, o riso, o desprezo, todo esse lodo carregado pela imprensa... tudo isso, também tinha a ver com eles [os homossexuais].”<sup>10</sup>

Os intelectuais republicanos<sup>11</sup> apoderam-se do caso para abalar o poder e a monarquia, inscrevendo o marquês “numa tradição secular, a do conselheiro exercendo a sua má influência, o seu poder corruptor no corpo do Estado, no sentido literal e figurado”:<sup>12</sup> “o caso era tanto mais grave e escandaloso porque o marquês de Valada era um importante par do reino, o que demonstrava a «valia moral» da câmara que acabou por ditar o fim do governo progressista.”<sup>13</sup> Até à sua morte, foi alvo de ataques *ad personam* contínuos nos jornais e na imprensa humorística, com direito a uma sátira, “*O Julgamento da Rua de Traz*,<sup>14</sup> em que [o] fidalgo vicioso foi exautorado”,<sup>15</sup> e se “na caricatura triunfava o marquês de Valada”,<sup>16</sup> o

---

<sup>7</sup> Monteiro, Arlindo Camilo, *Amor Sáfico e Socrático*, Lisboa, Instituto de Medicina Legal de Lisboa, 1922, p. 188.

<sup>8</sup> Carvalho, Mariano Cirilo de, *O Poder Oculto do Liberalismo Progressista (1876-1892)*, Alfragide, Texto Editores, 2010, p. 150.

<sup>9</sup> *Ibid.*

<sup>10</sup> Éribon, Didier, *op. cit.*, p. 206-207.

<sup>11</sup> Para um levantamento dos jornais e revistas lisboetas que trataram do escândalo, ver Howes, Robert, “Concerning the Eccentricities of the Marquis of Valada: Politics, Culture and Homosexuality in Fin-de-Siècle Portugal”, in Johnson, Harold ; Dutra, Francis A. (orgs.), *Pelo Vaso Traseiro: Sodomy and Sodomites in Luso-Brazilian History*, Tucson, Fenestra Books, 2006, p. 263-292; Curopos, Fernando, *L’émergence de l’homosexualité dans la littérature portugaise (1875-1915)*, Paris, L’Harmattan, 2016, p. 24-32; Cascais, António Fernando, “O marquês de Valada e a tragicomédia da inversão”, *Iberic@l*, n. 13, Printemps 2016, p. 180-187.

<sup>12</sup> Murat, Laure, *op. cit.*, p. 264.

<sup>13</sup> Carvalho, Mariano Cirilo de, *op. cit.*, p. 150.

<sup>14</sup> Ver Cascais, António Fernando, “O marquês de Valada e a tragicomédia da inversão”, *op. cit.*, p. 179-191.

<sup>15</sup> Silva, Adelino, *A Inversão Sexual*, Porto, Typographia Gutemberg, 1895, p. 164.

<sup>16</sup> Brandão, Raul, *op. cit.*, p. 186.

mesmo acontecia no teatro de revista<sup>17</sup>, e até aparecia, sempre alvo de chacota, na literatura brejeira e pornográfica coeva:

[...] Julieta lembrou-se de um outro dos seus antigos amantes, um fidalgo extremamente abastado e com o qual, por esse motivo, era razoável contar. [...] Era esse fidalgo o Marquês de *Valladio* (*sic*).

Julieta contou-lhe a sua história. O marquês ouviu-a com afabilidade [...]. Não lhe deu, porém, um único beijo, não lhe tocou, sequer, com um dedo, e isto não podia deixar de ferir a suscetibilidade de Julieta.

Afinal, resolveu-se a falar-lhe com toda a franqueza, oferecendo-se-lhe, sem rodeios, para repetirem juntos as práticas afrodisíacas de outros tempos.

O marquês olhou para ela com visível desdém; depois soltou uma gargalhada e respondeu:

– Não pode ser, pequena; mudei completamente, e hoje abomino as mulheres. [...] Hoje só gosto de rapazes.

– Mas como foi que o senhor, tão apaixonado como era de mulheres, mudou dessa forma?

– Ora! Muito facilmente, menina. A gente não salta de repente de um sexo para outro, mas a pouco e pouco, por uma transição lenta, habitua-se com a maior facilidade. [...] Os padres, os sacristas, os meninos de coro, enfim, tudo quanto são homens de saias, servem de intermediários durante o período de transição. Depois, um belo dia, a gente, sem mesmo saber como, chega a dispensar-lhes as saias, e o reviramento do gosto está concluído.<sup>18</sup>

Caso ímpar no *marketing* livreiro, o seu nome até figura na publicidade ao romance *A Vénus Negra* (cf. imagem n.º 1), do francês Adolphe Belot, autor de “Leituras para homens” muito difundidas na época:

---

<sup>17</sup> É tema da revista *Os Pontos nos ii*, levada a palco no Teatro dos Condes entre os anos 1885 e 1887. Ver Curopos, Fernando, *L'émergence de l'homosexualité dans la littérature portugaise (1875-1915)*, *op.cit.*, p. 26-28.

<sup>18</sup> Anónimo, *Os Devassos de Lisboa. Segunda Parte: A Alta Roda na Berlinda*, Lisboa, s.n. [Empreza 20, rua dos Douradores], s.d. [1886], p. 183-184. Lembremos que o Marquês de Valada era casado e tinha dois filhos.



Imagem n.º 1: Publicidade a “A Vénus Negra”<sup>19</sup>

O escândalo da “Travessa da Espera”, ao qual se devem acrescentar o caso dos “moços de chupeta”<sup>20</sup> que se prostituíam na “rua do Trombeta”<sup>21</sup>, o do “alferes Marinho que assassinou por ciúmes o eleito e partícipe de seus anseios lascivos”,<sup>22</sup> o de “Casimiro de Carvalho, alcunhado entre os do seu meio pela Maria das Tairocas”, dono de um bordel “em que as criaturas não eram mulheres, mas homens”,<sup>23</sup> sem falar das rusgas nos vários pontos de engate ou de sociabilidade homossexual,<sup>24</sup> como num café sito no n.º 120 da rua do Poço dos Negros<sup>25</sup> onde as “camareiras eram homens”,<sup>26</sup> acontecem no momento exato em que, em Portugal, começam a aparecer os primeiros estudos sobre a “inversão sexual” e começa a circular a literatura médica francesa, alemã e italiana sobre as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Daí a multiplicação dos termos utilizados na literatura e no discurso social contemporâneo para falar dos homens que têm relações sexuais com outros homens. Conquanto os lexemas “pederasta” e “sodomita”, em conjunto com os populares “fanchono” e “sacana”, continuem a ser os mais frequentes, outros aparecem, como “monomaníaco”,

<sup>19</sup> O António Maria, 10 de janeiro de 1885, p. 9.

<sup>20</sup> Pan-Tarântula, *Pontos nos ii*, 22 de julho de 1886, p. 507. Ver Curopos, Fernando, *L'émergence de l'homosexualité dans la littérature portugaise (1875-1915)*, *op. cit.*, p. 32-34.

<sup>21</sup> “Foram hoje julgados [...] os dois menores Henrique Álvaro (Alves?) Fernandes e Manuel Martinez Fernandes, acusados do crime de vadiagem, por isso que um abandonara a casa paterna e o outro a companhia ou troupe brasileira, por conta de quem trabalhava, para se entregarem ambos a um modo de vida pouco lícito. [...] Os dois menores foram condenados em 5 meses de prisão na casa de correção das Mónicas, ficando declarados vadios.” *Novidades*, 24 de julho de 1886, p. 1.

<sup>22</sup> Monteiro, Arlindo, *op. cit.*, p. 196. Ver Curopos, Fernando, *L'émergence de l'homosexualité dans la littérature portugaise (1875-1915)*, *op. cit.*, p. 34-36.

<sup>23</sup> “Lisboa Devassa”, *A Vanguarda*, 14 de fevereiro de 1895, p. 2. Ver Curopos, Fernando, *L'émergence de l'homosexualité dans la littérature portugaise (1875-1915)*, *op. cit.*, p. 40-41.

<sup>24</sup> Cf. Curopos, Fernando, “*Cruising dans la Lisbonne fin-de-siècle*”, *Crisol*, Université Paris Nanterre, n. 9, 2019, p. 162-185.

<sup>25</sup> “Lisboa Devassa”, *op. cit.*, p. 2.

<sup>26</sup> Aguiar, Asdrúbal d', “Evolução da pederastia e do lesbianismo na Europa: contribuição para o estudo da inversão sexual”, in *Arquivo da Universidade de Lisboa*, vol. XI, 1926, p. 564.

“hermafrodita”, “andromaniaco”, “pervertido”, “degenerado” ou “invertido”, decorrendo da incorporação no discurso social finissecular da “moderna” literatura científica:

*Invertido?* Isto é moderno  
Não entendo tais baldrocas!  
Pra que quer lá o governo  
A Maria das Tairocas?!

Este boato registro:  
Dizem-me os alvissareiros  
Que o querem para ministro  
Dos negócios estrangeiros!

Mas também ouvi contar,  
Pode isto enfim ser batota,  
Que não se deixa trocar,  
Pela Maria – a Carlota!!!<sup>27</sup>

Como se vê, além do Marquês de Valada, outro representante do poder político, o recém-nomeado (1895) Ministro dos Negócios Estrangeiros do governo de Ernesto Hintze Ribeiro, Carlos Lobo d’Ávila (1860-1895), alcunhado de Carlota no meio republicano, também é vítima de insinuações sobre a sua sexualidade. Aliás, logo a seguir à sua nomeação, começam a multiplicar-se as caricaturas a seu respeito, nas quais aparece quase sempre vestido de mulher, tópos homofóbico duradouro a sugerir visualmente “a inversão sexual” (cf. imagem n.º 2). Só a morte precoce do Ministro, em 1895, impedirá que os jornais satíricos façam dele um novo Marquês de Valada.

---

<sup>27</sup> Fra-Dique, *Defensor do Povo*, n.º 20, 7 de julho de 1895.



Imagem n.º 2: Caricatura homofóbica de Carlos Lobo d'Ávila<sup>28</sup>

Assim, é de notar que a homofobia se torna numa arma de combate político e a homossexualidade passa a ser associada, pelos republicanos, a uma nobreza degenerada. Não é, portanto, de estranhar o sucesso de *O Barão de Lavos*, o primeiro romance da literatura canónica portuguesa<sup>29</sup> a falar abertamente de homossexualidade masculina, publicado em 1891 por um republicano convicto, Abel Botelho.<sup>30</sup>

Logo, a encenação de sexualidades não normativas na ficção, na poesia satírica e no teatro de revista da época, ou a denúncia de casos nos jornais, tem uma função ideológica, a de associar a “degenerescência sexual” com a própria degenerescência de um regime moribundo e anacrónico: a monarquia. Daí o apelo do jornal republicano *A Vanguarda* à limpeza da “Lisboa devassa”:

---

<sup>28</sup> *O Micróbio*, 7 de março de 1895, p. 63.

<sup>29</sup> Lembremos que na literatura satírica e nos romances eróticos clandestinos já apareciam personagens homossexuais masculinos.

<sup>30</sup> Cf. Curopos, Fernando, *L'émergence de l'homosexualité dans la littérature portugaise (1875-1915)*, op. cit., p. 58-74.

Demasiada até se tornar criminosa tem sido a condescendência havida até hoje para um sem número de abjetos, de pervertidos, que, sendo homens, não merecem esse nome.

Que a condescendência se transforme em severidade, se isso não é impossível, se os que têm o dever de ordená-la podem efetivamente fazê-lo.

É o que a imprensa deve exigir, ao ocupar-se desta escandalosíssima podridão.<sup>31</sup>

Apesar de o jornalista não mencionar nem o nome do Marquês de Valada, nem o do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Carlos Lobo d'Ávila, os leitores poderão reconhecê-los nesses “pervertidos [que] exercem honrosíssimos cargos.”<sup>32</sup>

Não é por acaso que o autor anónimo de *Os Devassos de Lisboa* associa os gostos “pervertidos” do “Marquês de Valladio” aos dos únicos homens autorizados a usar saias no dia a dia, os padres: “[...] Os padres, os sacristas, os meninos de coro, enfim, tudo quanto são homens de saias, servem de intermediários durante o período de transição. Depois, um belo dia, a gente, sem mesmo saber como, chega a dispensar-lhes as saias, e o reviramento do gosto está concluído.”<sup>33</sup>. Com efeito, os republicanos também ansiavam pela separação do Estado da Igreja, e os ataques contra esta instituição, pilar da monarquia, tinham sido, até a data, de ordem geral<sup>34</sup> e nunca *ad personam*. No entanto, já circulavam algumas poesias satíricas sobre o tema, em que tanto entravam padres quanto o Marquês de Vallada:

Pela Baixa de Lisboa  
Passeia com gravidade  
Um nédio padre espanhol  
Um grande tipo p'ra frade.

Chama-se Adão e santinho.  
Porém as Evas não ama,  
E, em segredo, até confessa  
Que se abrasa n'outra chama...

O tal padre segue o trilho  
D'um marquês mui celebrado,  
E não s'emenda, isso sim!

---

<sup>31</sup> *A Vanguarda*, 14 de fevereiro de 1895, p. 2.

<sup>32</sup> *Ibid.*

<sup>33</sup> Anónimo, *Os Devassos de Lisboa. Segunda Parte: A Alta Roda na Berlinda*, Lisboa, s.n. [Empreza 20, rua dos Douradores], s.d. [1886], p. 184.

<sup>34</sup> Sobre o tema e para o período em apreço, ver Silva, Armando B. Malheiro da, “Os Católicos e a «República Nova» (1917-1918): da «questão religiosa» à mitologia nacional”, *Lusitana Sacra*, Tomo VIII/IX, Lisboa, 1996-1997, p. 385-499.

Tomou-lhe o gosto, coitado!...

Em vista, pois, das virtudes  
Qu'existem no Padre Adão,  
Aconselho o tal marquês  
Que o tome para capelão.<sup>35</sup>

Todavia, poucos meses antes da proclamação da República, as investidas passam a ser frontais, visando um alto dignitário da igreja portuguesa, D. Sebastião Leite de Vasconcellos (1852-1919). Este padre zeloso e inovador da diocese do Porto<sup>36</sup> é nomeado bispo da cidade de Beja em 1907, tomando posse do novo cargo no ano seguinte. Começa então uma luta cerrada entre o bispo e dois padres que dirigem o seminário da cidade alentejana, os “irmãos Ançã”, acusados pelos seminaristas de maus tratos. D. Sebastião demite “José Maria e Manuel Ançã, sem o beneplácito do governo”<sup>37</sup> para apaziguar a situação no seminário e por ambos levarem uma vida pouco condizente com as suas funções eclesiásticas:

Este presbítero (o padre José Maria Ançã), a quem Nós dissemos com a maior caridade (!) que não podia continuar a ser vice-reitor do seminário pelo motivo da revolta do seminário e, como insistisse connosco, para continuar em tal lugar, lhe dissemos que pela sua vida irregular e escandalosa o não podia exercer, e que não teve dúvida em dizer-Nos que tinha um só filho, e que seu irmão (o padre Manuel Ançã), que vive escandalosamente com uma concubina, é que tinha dois.<sup>38</sup>

Demitidos, os padres acusam o bispo de ilegalidade. A polémica azedou e “o primogénito (poeta erótico nas horas vagas) [...] replicou que D. Sebastião lhe fizera propostas desonestas, de natureza homossexual”.<sup>39</sup> Os republicanos tiram logo proveito do caso para lançarem boatos acerca da vida íntima do bispo (cf. imagem n.º 3), atacando assim a Igreja.<sup>40</sup>

---

<sup>35</sup> M. S., “Aviso e conselho”, *O Pimpão*, 17 de março de 1889, p. 3.

<sup>36</sup> Influenciado pelo trabalho educativo de D. Bosco junto dos jovens das classes populares, cria no Porto “As oficinas de São José”. Ferreira, António Matos, *Um Católico Militante diante da Crise Nacional: Manuel Isaías Abúndio da Silva (1874-1914)*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 2007, p. 320.

<sup>37</sup> Valente, Vasco Pulido, *Um Herói Português: Henrique Paiva Couceiro*, Lisboa, Alêtheia Editores, 2006, p. 56.

<sup>38</sup> Medeiros, Francisco de, *O Caso Clerical de Beja*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1910, p. 10.

<sup>39</sup> Valente, Vasco Pulido, *Um Herói Português: Henrique Paiva Couceiro, op. cit.*, p. 56.

<sup>40</sup> É de notar que este tipo de ataques já tinha uma tradição em Portugal, como é o caso da diátribe anticlerical do poeta republicano Guilherme Braga (1845-1874), *O Bispo* (1874).



Imagem n.º 3: “O Sexto Peccado”.<sup>41</sup>

Para acirrar a contenda, o editor Santos Vieira, escritor panfletário anticlerical, lança, sob o pseudónimo de Homem-Pessoa, uma sátira em versos fesceninos, *O Bispo de Beja*,<sup>42</sup> na qual expõe a suposta vida “depravada” e *contranatura* de D. Sebastião. O folheto é publicado clandestinamente pouco meses antes da Proclamação da República e reeditado logo a seguir. No seu opúsculo, o autor acusa o governo monárquico de encobrir o caso e escreve uma carta acusadora ao “Ministro da Justiça e Negócios e Sodomia Eclesiásticos”, numa subversão satírica das cartas enviadas pelo Bispo ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Eclesiásticos nos anos 1908 e 1909, antes e depois do processo-crime que correu no Tribunal Eclesiástico da diocese de Beja, em novembro de 1909, contra o reverendo Manuel Ançã.<sup>43</sup>

Alvitro que se faça exame patológico  
Na pessoa do chefe episcopal de Beja,

<sup>41</sup> *O Xuão*, 29 de março de 1910. Desenho da capa, da autoria de Silva e Souza. Ler: “– Que beleza d’homem. Não vens ao Grog! – Estão enganadas, eu não sou desses.”

<sup>42</sup> No presente volume retomamos a edição publicada pela editora &etc. Pessoa, Homem (pseud. de Santos Vieira), *O Bispo de Beja*, Lisboa, &etc., 1980.

<sup>43</sup> Ver arquivo do Ministério das Finanças, cota PT/ACMF/DGJC/BEJ/BEJ/PROCD/001.

[...].

Melhor do que ninguém um médico é que deve

Constatar se é verdade o que diz o Ançã:

[...]

Se ele o ânus tiver infundibuliforme,

Se tiver abertura involuntária, enorme,

Do *orrificium ani* e incontinência alvina

[...] e se mostrar a ausência

De pregas radiais e a degenerescência

Do esfíncter, por atônito e relasso,

É, certo, um pederasta, um nojento devasso

Homem-Pessoa aconselha ao Ministro um exame médico-legal para o Bispo, para assim se comprovar o “crime”. Pelos vistos, o autor era leitor confesso dos trabalhos do médico francês Ambroise Tardieu e do seu afamado *Étude médico-légale sur les attentats aux mœurs* (1857), onde são descritos os “sinais de hábitos passivos de pederastia”, sendo eles: “a deformação infundibuliforme do ânus”, “o relaxamento total dos esfíncteres”, “a dilatação extrema do orifício anal”, “a incontinência alvina”, “o apagamento das pregas”<sup>44</sup> (cf. imagem n.º 4).

---

<sup>44</sup> Tardieu, Ambroise, *Étude médico-légale sur les attentats aux mœurs* [1857], Grenoble, Éditions Jérôme Millon, 2013, p. 187-192.

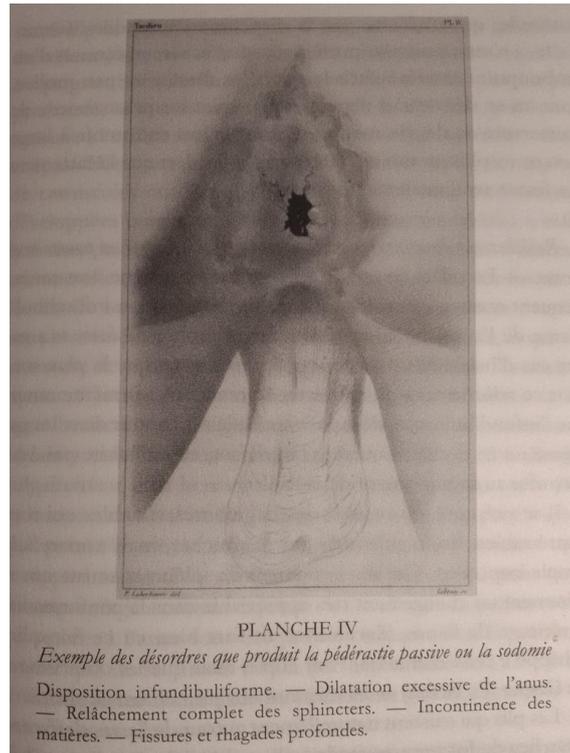


Imagem n.º 4: Desenho anatómico de um ânus infundibuliforme.<sup>45</sup>

Ora “as descobertas *sensacionais* de Ambroise Tardieu, embora refutadas por numerosos colegas ao longo dos anos, marcar[am] duravelmente médicos, legisladores e escritores populares, prontos a comentá-lo, a citá-lo sem espírito crítico – ou a copiá-lo, pura e simplesmente”.<sup>46</sup> Será esse o caso de Homem-Pessoa, sempre no sentido da injúria homofóbica, ou de António Egas Moniz (1874-1955), no seu sucesso de vendas, *A Vida Sexual* (“dezasseis edições entre 1906 e 1932”), considerado por António Fernando Cascais como um “monumento da homofobia científica”.<sup>47</sup> De facto, quarenta e cinco anos depois das elucubrações de Tardieu, o futuro prémio Nobel de medicina continuava a afirmar perentoriamente: “A deformação infundibuliforme do ânus é o único sinal que verdadeiramente marca a pederastia.”<sup>48</sup>

A segunda parte do poema fescenino é também composta por uma carta, do mesmo teor. No entanto, num jogo de espelhos com a realidade social vivida pelos *queers*, reproduz o modo operatório de muitas das cartas de denúncia às quais tiveram (ou têm ainda, *mutatis mutandis*) que fazer face os dissidentes sexuais, em todas as latitudes:

<sup>45</sup> *Id.*, p. 189.

<sup>46</sup> Murat, Laure, *op. cit.*, p. 116. Itálicos da autora. Tradução nossa.

<sup>47</sup> Cascais, António Fernando, “Portugal”, in Tin, Louis-Georges (dir.), *Dictionnaire de l’homophobie*, Paris, PUF, 2003, p. 329.

<sup>48</sup> Moniz, António Egas, *A Vida Sexual*, vol. II [1902], 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Ferreira e Oliveira Editores, 1904, p. 190.

Julgando interessar-lhe o informe precioso  
Incluso nesta, tencionei ir a Lisboa  
Falar-lhe. Refleti depois: o dispendioso  
Da viagem e o sentir a precisão extrema  
De indeclinar, por ora, a minha identidade,  
Forçam-me a vir dizer-lhe a impressiva verdade  
Nesta carta sincera, anónima, blasfema.

[...]

Ora ouça: há já um mês que eu não perco um instante  
Que não seja em buscar contemplar em flagrante  
O D. Sebastião. Pois apanhei-o hoje.  
Vi tudo. Repugnante!

Este “flagrante delito” vai ser descrito ao pormenor, transformando a carta anónima num verdadeiro relato pornográfico homossexual, apoiando-se num dos *topoi* da literatura licenciosa, a cena observada por um terceiro escondido:

O bispo vem tapar com um grosso tecido  
O orifício em que espreito – o meu observatório –  
Não importa. Se ele o é também eu sou finório:  
Com um lápis desvio, arteiramente, o pano,  
Daí a pouco, e, céus!, vejo isto: o pax-juliano  
[...]

Mordiscando o lapuz, em onomatopeias  
De gata prostituta; e, sempre em vaivéns ledos,  
Fricciona-lhe o membro inquebrável, com os dedos,  
[...]

Até que sai da rubenta  
Cratera do meato a lava seminal  
Que o tímido vulcão testicular dispara  
Muito abundantemente.  
Então gemem gritinhos  
E suspiros nubis, mutuando carinhos;  
E o bispo goza assim a perversão erótica

Porém, num dispositivo muito ao gosto da literatura pornográfica, ainda estamos nos preliminares. O bispo fantasiado por Homem-Pessoa é uma “gata” com cio e, logo a seguir, o

*voyeur* anónimo convida-nos a contemplar outra cena, capital, por mostrar o caráter aberrante de D. Sebastião. Depois de Onan, Sodoma:

Volvida meia hora, o prelado desperta  
Do seu desmaio igual aos sonos de morfina.  
[...] E, desatando aos beijos  
Ao rapaz, numa ânsia irrevogável  
E sob esse obsessivo império de desejos  
Que domina o *passivo* (a balda deplorável  
Que o faz negar o sexo) implorou-lhe, terníssimo,  
Que se despisse todo.  
[...]  
E o bispo afaga o órgão genital  
Do *ativo*, forte como a durindana  
[...]  
E indo ao leito buscar uma caixita  
De vaselina bórica,  
Emprega-a como sói o sodomita:  
Unta o ânus com ela e unta o pénis do moço,  
[...]. O bispo, então cicia: “Ai! Todo, sim?!...” e, pondo  
O solidéu, encosta a cabeça à parede;  
O hércules aciona e, ao volume redondo,  
O esfíncter bispal, de pronto, cede.

É de notar que, neste relato pornográfico, o autor estabelece uma nítida distinção, sublinhada em itálicos, entre “*o passivo*” e “*o ativo*”. Este último é caracterizado de maneira positiva (tem tudo do Apolo grego), em total oposição à descrição do bispo, que é o avesso desse viril “hércules”, logo, o seu retrato “*invertido*”:

[...] o corpo do lapuz,  
De vigor muscular, contorno perfeitíssimo,  
Tem o relevo herculizado e augusto,  
A beleza viril dos moços dos ginásios;  
Tem enérgico o busto  
E o peito, varonil, rijo como balázios,  
[...]  
E, em lívida nudez, o corpo prelatício

Nauseia. Atrofiado e com essa atitude  
Ridícula que dá o cultivo dum vício,  
É bem o do *invertido* em toda a plenitude.

A esta distinção entre “ativo” e “passivo”, binómio que veio substituir, no discurso médico, os antiquados “agente” e “paciente”, vem o anticlerical e republicano Homem-Pessoa acrescentar uma diferença de classe social. O “*invertido*”, além de ser eclesiástico, pertence a uma certa elite, com quem compartilha os “requintes dum gosto luxuriado”:

E que sumptuosidade! É a alcova. (O prelado  
Tem requintes dum gosto luxuriado,  
Parisiense. Que bom ninho paradisíaco  
De amor! É pleno de arte e luxo afrodisíaco.)  
Vejo e examino, muito bem, pelo orifício  
Não estreito da porta, o conforto subrício  
Desse aposento: o ouro, o brocado, o cetim  
Dos móveis, num estofo elegante; um coxim  
Duma forma especial, permitindo ao *ativo*  
O agir sem magoar o corpo do *passivo*,  
Sistema dos cinédios berlineses;

O seu “aposento” mais se parece com a alcova de um “bordel” parisiense do que com o quarto de um prelado. Supomos ter Homem-Pessoa claramente ouvido falar do mais célebre bordel de todos, o “Chabanais” (1878-1946), “pleno de arte e luxo afrodisíaco”, onde não faltava o “cadeirão das voluptuosidades”, “duma forma especial”, todo revestido de coxins, “permitindo” ao cliente “o agir sem magoar o corpo” da prostituta que, segundo as posições adotadas, podia ficar por cima ou por baixo.<sup>49</sup> Este “cadeirão” fora encomendado, em 1890, a pedido expresso do futuro Eduardo VII de Inglaterra, cliente assíduo do prostíbulo parisiense antes de subir ao trono. Contudo, Homem-Pessoa indica ser esse *sling avant la lettre* um “sistema” usado pelos “cinédios berlineses”. Além de Paris, tida nos finais do século XIX e inícios do século XX como uma verdadeira Sodoma e Gomorra, o autor também faz uma alusão explícita à cena homossexual de Berlim. Com efeito, a futura capital alemã já era famosa, no início do século XX, por ser um grande centro da cultura homossexual e da vida *gay* da época, dimensões para as quais contribuíam tanto os autores alemães em prol da despenalização dos atos homossexuais, o Dr. Magnus Hirschfeld em particular, quanto os

---

<sup>49</sup> Ver Canet, Nicole, *Le Chabanais*, Paris, Éditions Nicole Canet/Galerie au Bonheur du Jour, 2015.

autores franceses, esses com uma visão mais homofóbica e antigermânica.<sup>50</sup> Por conseguinte, supomos que o autor compulsou pelo menos dois livros sobre o assunto, que sabemos terem circulado em Portugal antes da publicação de *O Bispo de Beja: Le troisième sexe. Les Homosexuels de Berlin e L'homosexualité en Allemagne, étude documentaire et anecdotique*.<sup>51</sup> Aliás, como o leitor poderá verificar pela leitura do texto, o autor utiliza termos oriundos do discurso médico sobre a “inversão sexual”, alguns dos quais assinalados em itálico. É que, aquando da redação do opúsculo, os leitores contemporâneos já tinham o acesso facilitado a todo um conjunto de obras científicas ou de divulgação científica sobre as relações entre pessoas do mesmo sexo, entre as quais *O Instincto Sexual e suas Aberrações* (1902), do psiquiatra germano-austriaco Richard von Krafft-Ebing, primeira obra de peso sobre o tema a ser vertida para português, a partir da tradução espanhola.<sup>52</sup>

Quanto ao parceiro do prelado, é um homem do povo, “um moço camponês” simples e sadio, pervertido pelo bispo. Aliás, Homem-Pessoa dá a entender que o “rijo rapagão” se submete aos desejos do bispo unicamente por necessidade, ilibando assim o “sodomita mercenário”:

O rústico, porém, ergue-se e, já vestido,  
Despede-se do bispo a quem pede a “contrata”.  
Percebo tudo, então: é o esforço vendido  
Do sodomita mercenário ao *invertido*.  
Dá-lhe o bispo, a sorrir, seis moedas de prata.

Aí reside a ambiguidade da sátira. Pois que, apesar de anticlerical e homofóbico, o texto não deixa de ser testemunha de uma realidade social: a prostituição masculina, combatida pelos republicanos, e de atos sexuais que, mesmo na literatura clandestina, pouco apareciam. O opúsculo do editor Santos Vieira inscreve-se, assim, numa tradição de escritos pornográficos de temática homossexual apagada pela história literária e pelo peso social da

---

<sup>50</sup> Ver Grand-Carteret, John, *Derrière “Lui” : l’homosexualité en Allemagne*, Lille, Cahiers Gay-Kitsch-Camp, 1992.

<sup>51</sup> Hirschfeld, Dr. Magnus, *Le troisième sexe. Les Homosexuels de Berlin*, Paris, Librairie Médicale Scientifique Jules Rousset, Paris, 1908; Weindel, Henri de; Fischer, F. P., *L’homosexualité en Allemagne, étude documentaire et anecdotique*, Paris, Juven, 1908. É de referir que num suposto telegrama enviado de Badajoz ao músico “Vianna da Motta”, aquando da sua fuga para Espanha, o Bispo de Beja lamenta que “nenhum concerto tocasse portuguesa à alemã”. *A Sátira*, n.º 1, 1º de março de 1911, p. 26. Viana da Mota era, na época, professor de música em Berlim.

<sup>52</sup> Krafft-Ebing, Richard, *O Instincto Sexual e suas Aberrações*, Trad. de A. A. Queiroz de Souza, Lisboa, Livraria Central, 1902. Para a circulação de textos científicos sobre o assunto em Portugal, ver Curopos, Fernando, *Lisbonne 1919-1939 : des Années presque Folles*, Paris, L’Harmattan, p. 141-144.

heteronormatividade que impedia, ou continua a impedir, a divulgação e preservação dos mesmos.<sup>53</sup> Se *O Bispo de Beja* resistiu ao olvido e à destruição, é por ser, acima de tudo, mais um “monumento da homofobia” nacional, para retomarmos uma expressão de António Fernando Cascais.

D. Sebastião Leite de Vasconcellos, o Bispo de Beja, tornar-se-á nos primeiros anos da República, num novo Marquês de Valada, com direito a caricaturas<sup>54</sup> e piadas brejeiras na imprensa:

Pelo telégrafo

[...]

Sevilha, 10: – Arnaldo Fortes – Coimbra

Veja se consegue me mandarem badalo.<sup>55</sup>

Sebastião, Bispo de Beja.

[...]

Sevilha, 12: – Testamenteiro Cabo – Coimbra.

Mande-me badalo. Ofereço em troca bens da mitra.

Sebastião de Beja.

Coimbra, 13: – Porcalhão de Beja – Sevilha.

Não há cá feito. Vá raio que o parta.

Elias da Costa.<sup>56</sup>

Terras de escândalo – sem data.

[...]

– Porque não discursa, colega? – investigou o de Beja.

– Há mulheres no ajuntamento. Detesto essa isca do pecado! S. Luís Gonzaga dizia...

– Amigo! Deixe lá S. Luís Gonzaga e as suas metáforas facinorosas, que só boas são para as horas solitárias, quando os Ançãs se recusam. Eu falo. Lembro-me do começo da oração de D. Quixote aos pegureiros serranos. Obra apropriada! Lá vai:

---

<sup>53</sup> Ver Dean, Tim, “Pornography, technology, archive”, in Dean, Tim; Rusczycky, Steven; Squires, David (editors), *Porn Archives*, Durham and London, Duke University Press, 2014, p. 1-26.

<sup>54</sup> O leitor poderá encontrar algumas destas caricaturas ao longo da antologia. Não se trata de um levantamento exaustivo.

<sup>55</sup> Badalo: pénis, no calão da época. Referência ao badalo da “Cabra” (sino) da faculdade de Coimbra. Lembremos que circularam, até a década de 1930, alguns poemas pornográficos de temática homossexual sobre o tema do “badalo”. Cf. Curopos, Fernando, *Versos Fanchonos, Prosa Fressureira, op. cit.*, p. 81-82.

<sup>56</sup> Anónimo, *A Cabra*, Coimbra, n.º único, novembro de 1910, p. 4.

*Dichosos tiempos y felices eras* em que, sob os carvalhos que davam glandes, os sacerdotes pagãos, por nome falóforos, um falo conduziam hasteado em honra de...

– *Maricón!* – berrou da banda um madrilenho.<sup>57</sup>

Logo a seguir à proclamação da República, o bispo refugia-se em Sevilha, a 5 de outubro de 1910, dando azo à imaginação anticlerical e homofóbica dos caricaturistas e jornalistas da imprensa humorística (cf. imagem n.º 5).



*Imagem n.º 5: Caricatura: “Olé! Olé!”.*<sup>58</sup>

A proliferação de caricaturas e de historietas brejeiras acerca da suposta homossexualidade do bispo contribuem para a luta dos republicanos contra a Igreja, num momento em que o governo provisório prepara a Lei da Separação do Estado das Igrejas, promulgada a 20 de abril de 1911 (cf. imagem n.º 6).

---

<sup>57</sup> Anónimo, “*Lourdes! Lourdes!*”, *Pão Nosso...*, Porto, n.º 18, 17 de agosto de 1910, p. 281-282. Relato satírico da viagem de D. Sebastião a Lourdes, “*Terra da miséria humana*”. *Id.*, p. 283.

<sup>58</sup> *A Capital*, 7 de janeiro de 1912, p. 1. Caricatura não assinada.



Imagem n.º 6: Caricatura “O Zé”<sup>59</sup>

Além de se inscrever nessa luta política, a circulação de *O Bispo de Beja* não deixa de ser relevante para a história da homossexualidade em Portugal. Com efeito, participará da difusão dos termos “homossexual” e “homossexualidade” no discurso social português, como demonstra o artigo antologado do jornalista português Chacon Siciliani:<sup>60</sup>

Os *homo-sexualistas* estão abaixo de toda a consideração, e também de todo o desprezo...

[...]

O homem *contra-natura* é repelente, é vergonhoso, abjeto e desprezível; por ninguém pode ser defendido a não ser por outros efeminados como ele ou por conquistadores de *homens fêmeas*...<sup>61</sup>

<sup>59</sup> *O Zé*, 16 de maio de 1911, s.p. Desenho de Stuart Carvalhais.

<sup>60</sup> Esse jornalista escrevia essencialmente sobre temáticas anticlericais. O Bispo de Beja não foi o seu único alvo e, assim que podia, lançava as suas farpas: “No concelho de Alter do Chão, há outro *papa-christos*, que foi juiz em Aviz. Dizem-nos que exerceu feroz perseguição contra os nossos correligionários. Segundo nos informam, este padreca é vicioso colega do Bispo de Beja [.] é *invertido* emérito.” Siciliani, Chacon, “É padre e basta...”, *O Zé*, 27 de março de 1913, p. 3.

<sup>61</sup> Siciliani, Chacon, “É padre e basta...”, *O Zé*, 19 de março de 1912, s.p.

Como se vê, o significante “homossexual” ainda não estava claramente estabilizado, e *O Bispo de Beja* tanto vai ajudar à sua estabilização no discurso social coevo quanto ao reacender da homofobia política nos primórdios da República, ao ponto do termo “Bispo de Beja” passar a designar, por algum tempo, os homossexuais (cf. imagem n.º 7).



Imagem n.º 7: Caricatura de um homossexual.<sup>62</sup>

De certa maneira, o opúsculo de Homem-Pessoa inscreve-se no manancial de literatura pornográfica anticlerical clandestina que vinha sendo publicado e escrito em Portugal desde os finais do século XVIII, e de que *Uma Ceia Alegre* (1908),<sup>63</sup> paródia à *Ceia dos Cardeais* (1902), do aclamado Júlio Dantas, publicada dois anos antes de *O Bispo de Beja*, é um bom exemplo. Conquanto não verta sobre a homossexualidade em si, o texto não deixa de ter uma dimensão homofóbica, patente no remate da peça: “Foi ele de nós três o único sacana!...”. No prefácio, o autor indica que estes livros “contribuem muito para que diminua a raça avultadíssima dos sacanas. Se os fanchonos não concordarem com as nossas teorias, têm um belo remédio... ponham-se todos em linha e depois fechem a roda”. Os lexemas utilizados pelo autor, o binómio fanchono/sacana, remetem para um sistema de relações sexuais entre

---

<sup>62</sup> *A Sátira*, 1º de março de 1911, p. 41. A caricatura é assinada Stuart Carvalhais, o qual desenhará caricaturas deste tipo até os anos 1930.

<sup>63</sup> Anónimo, *Uma Ceia Alegre (Paródia à Ceia do Cardeais)*, Hespanha, Segovia [Lisboa], Typographia Vénus, 1919. A primeira edição desta paródia foi publicada em 1908 e vinha acompanhada por uma “sobrecarga de gravuras daquelas que foram em todos os tempos o enlevo dos seminaristas e dos militares sem graduação”. Sampaio, Albino Forjaz de, *Homens de Letras*, Lisboa, Ed. Guimarães, 1925, p. 43. A edição de 1919 não vinha com gravuras.

homens que, apesar de codificado e conceptualizado<sup>64</sup>, nada tem a ver com o discurso médico sobre a homossexualidade. Homem-Pessoa, que não utiliza essa grelha de leitura tradicional, foi procurar termos à literatura médica contemporânea para dar a ver uma “nova” realidade, nem a do fanchono nem a do “sodomita”, mas a de uma “espécie”: “o homossexual”.<sup>65</sup>

Logo, não é de estranhar que os republicanos, além de promulgarem a “Lei de Separação do Estado das Igrejas” (20 de abril de 1911), tenham aprovado, um ano depois, a “primeira lei moderna que enquadra a homossexualidade: a lei de 20 de julho de 1912”, a qual estipula que “será condenado em prisão correcional dum mês a um ano todo aquele «que se entregar à prática de vícios contra a natureza»”.<sup>66</sup> Embora combata a Igreja católica, em prol da laicidade e do progresso, a República reatualiza a condenação bíblica que serve de epígrafe à diatribe homofóbica de Chacon Siciliani contra D. Sebastião de Vasconcellos: “Não usarás do macho, como se fosse fêmea; porque isto é uma abominação. Bíblia – *Levítico* – cap. XX, vers. 22.”<sup>67</sup> O “sodomita” de outrora, condenado pela Igreja, tem doravante outro nome, como aponta o remate da sátira de Homem-Pessoa, “*Ecce homo-sexual*”, e outro tipo de condenação para a sua sexualidade, que continua, no entanto, a ser entendida como “contra a natureza”. Mudavam-se os tempos mas, para os homossexuais e para as lésbicas, “a novidade” continuava a ser “diferente em tudo da esperança”.

Com efeito, será preciso esperar até 1982 para que sejam despenalizadas “por completo as relações sexuais e amorosas consentidas – a «homossexualidade» – entre adultos”.<sup>68</sup> Pois, vale lembrar que a Revolução “não tinha sido feita para as prostitutas e os homossexuais”,<sup>69</sup> como assegurou o almirante Galvão de Melo, membro da Junta de Salvação, perante a «ameaça» do Movimento de Ação dos Homossexuais Revolucionários e as feministas portuguesas. Paradoxalmente, quando o editor Vítor Silva Tavares, da &etc., lança a reedição de *O Bispo de Beja*, em 1980, o livro é apreendido pela Polícia Judiciária, caso único de censura no Portugal democrático, tendo um padre de Beja apresentado queixa à polícia por ofensa à Igreja católica. O poeta Joaquim Manuel Magalhães aproveita ironicamente o caso para lembrar tanto a boçalidade de Homem-Pessoa quanto a homofobia

---

<sup>64</sup> Cf. Curopos, Fernando, “*Vade retro fanchono, ave paneleiro!*”, *e.Letras com Vida*, Lisboa, vol. 1, julho/dezembro de 2018, p. 101-110.

<sup>65</sup> Ver Foucault, Michel, *Histoire de la sexualité I : la volonté de savoir* (1976), Paris, Gallimard, 2014, p. 59.

<sup>66</sup> Almeida, São José, *Homossexuais no Estado Novo*, Lisboa, Sextante Editora, 2010, p. 67-68.

<sup>67</sup> Siciliani, Chacon, *op. cit.*, s.p.

<sup>68</sup> Cascais, António Fernando, “A homossexualidade nas malhas da lei no Portugal dos séculos XIX e XX”, *International Journal of Iberian Studies*, vol. 29, n.º 2, 2016, p. 110.

<sup>69</sup> Almeida, São José, *op. cit.*, p. 223.

social e de Estado, num país em que o 25 de Abril era tido como o marco da liberdade e “da defesa dos direitos de cada um”:

Quem teria então intercedido para que a polícia fosse despoletada?

[...]

Tendo posto ainda outras várias hipóteses, parece-me só haver uma que possa não ser absurda (uma vez que perfeitamente absurda é a verdadeira, isto é, um padre de Beja aliou-se a um juiz de Beja para o ordenar). Devem ter sido as poderosas organizações de homossexuais existentes entre nós que decidiram passar à ação. Fartos de repressão que no teatro, no cinema, nas ruas e em todos os outros lugares sempre se manifesta quando a sua orientação sexual é referida ou assumida, transbordaram de indignação com a inépcia provinciana do embronquecido Homem-Pessoa”.<sup>70</sup>

Assim, em 1980, a separação da Igreja e do Estado, para a qual contribuíram as sátiras anticlericais do género de *O Bispo de Beja*, era um facto consumado, mas ainda não totalmente assumido, e a homofobia continuava a ser uma realidade contra a qual poucos portugueses ousavam “transbordar de indignação”. E se algumas vozes, como a de Magalhães, lutaram em prol da igualdade, será preciso esperar até 2010 para que os “cravos” floresçam deveras e se tornem “bouquet”.<sup>71</sup> Um século depois da publicação de *O Bispo de Beja*, a Assembleia da República Portuguesa aprovava o acesso ao casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, deixando assim de vigorar, para as lésbicas e os gays, o “torcionário Código de Direito Penal”.<sup>72</sup>

---

<sup>70</sup> Magalhães, Joaquim Manuel, “O Bispo de Beja e um ataque da Judiciária”, in *Os Dois Crepúsculos*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1981, p. 234-235.

<sup>71</sup> Ver Cascais, António Fernando, “Portugal 1974-2010: da Revolução dos Cravos ao bouquet do casamento”, *Mélanges de la Casa Velázquez*, n.º 50, 2020, 1, p. 163-187.

<sup>72</sup> Magalhães, Joaquim Manuel, *Um Toldo Vermelho*, Lisboa, Relógio d’Água, 2010, p. 193.